

Preste atenção em mim. Isso não é algo que eu esteja pedindo; estou exigindo. Atenção não se pede. Atentar para alguma coisa ou alguém é um ato involuntário na maioria das vezes. É uma espécie de troca, sim, mas depende muito mais de quem recebe do que de quem dá. Se você quiser, se *realmente* quiser, vai me notar e descobrir coisas sobre mim que nem eu mesma sei. Por paradoxal que pareça, no entanto, querer não é um ato de vontade, mas de rendição. E você não parece estar preparado para render-se. Quase ninguém está.

O que tenho para a sua atenção é urgente e áspero. Borbulha de dentro para fora, mas não tem fora nem dentro. E agora, como eu exijo a sua atenção, é também estrondoso, acre, fragmentado o quanto é suficiente para que você o perceba - nem de longe está completo. Olhe. Ouça. Sinta. Estou imóvel e muda. Não mais tenho poros. Lacrei a minha pele. É isso o que exige a sua atenção: a minha, você não tem mais.

Quando a sua atenção estiver plenamente em mim, feche os olhos. Liberte-me do seu olhar que, enfim, estará me vasculhando como o radar que ele sempre deveria ter sido. Poderá você ver-me assim? Não sei. Não me interessa. A sua atenção, que eu exijo, não implica em reciprocidade. Não mais. Se você conseguir ver-me, talvez possa se perder aí, onde eu também me perdi. Essa é uma maneira, talvez a única de você mesmo se encontrar. Também não me interessa saber se sim. No momento, apenas consigo, com muito esforço, estar onde estou, fincada, inerte, gestando um ser que a minha atenção acompanha, mas que ainda não descobriu.